

City Research Online

City St George's, University of London

Citation: Alfaifi, T. & Da Vinha, L. (2023). Segurança do Golfo Pérsico em uma Nova Era de Competição Geopolítica Global. Estudos Internacionais: revista de relações internacionais da PUC Minas, 10(3), pp. 53-69. doi: 10.5752/p.2317-773x.2022v10n3p53-69

This is the published version of the paper.

This version of the publication may differ from the final published version. To cite this item please consult the publisher's version.

Permanent repository link: https://openaccess.city.ac.uk/id/eprint/38645/

Link to published version: https://doi.org/10.5752/p.2317-773x.2022v10n3p53-69

Copyright and Reuse: Copyright and Moral Rights remain with the author(s) and/or copyright holders. Copies of full items can be used for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes without prior permission or charge, unless otherwise indicated, provided that the authors, title and full bibliographic details are credited, a hyperlink and/or URL is given for the original metadata page and the content is not changed in any way. For full details of reuse please refer to City Research Online policy.

City Research Online: http://openaccess.city.ac.uk/ publications@citystgeorges.ac.uk

Segurança do Golfo Pérsico em uma Nova Era de Competição Geopolítica Global

Persian Gulf Security in an New Era of Geopolitical Competition

La Seguridad del Golfo Pérsico en una Nueva Era de Competencia Geopolítica Mundial

Tawfiq ALfaifi[1]
Luis da Vinha[2]

1. Master's degree, Flinders University. E-mail: tawfiqalfaifi@gmail.com. ORCID: orcid.org/0000-0002-5948-4324.

2. Doutor, Flinders University. E-mail: luis.davinha@flinders.edu.au. ORCID: orcid.org/0000-0002-7222-5095.

DOI: 10.5752/P.2317-773X.2022v10n3p53-69

Recebido em: 17 de junho de 2022
Aprovado em: 20 de março de 2023

Resumo

Ao longo das décadas, a segurança no Oriente Médio tem sido influenciada tanto por fortes interdependências de segurança regionais e globais. Desde o fim da Guerra Fria, os Estados Unidos têm desempenhado um papel importante na determinação da segurança da região, com os Estados do Conselho de Cooperação do Golfo se tornando cada vez mais dependentes das garantias de segurança americanas. No entanto, o pivô estratégico dos EUA para a região Ásia-Pacífico e a crescente consolidação da China como uma potência global, fez com que a dinâmica de segurança do Oriente Médio voltasse a fluir. Este artigo emprega o conceito de complexo regional de segurança, aliado a uma lente teórica realista, para analisar como a crescente rivalidade sino-americana afeta a segurança do Golfo Pérsico ao identificar os interesses dessas duas potências no Oriente Médio e a dinâmica regional emergente.

Palavras-chave: competição geopolítica; equilíbrio de interesses; segurança do Golfo Pérsico; complexo regional de segurança

Abstract

Over the decades, Middle Eastern security has been influenced by both strong regional and global security interdependencies. Since the demise of the Cold War, the U.S. has played a major role in determining the region's security, with the Gulf Cooperation Council states becoming increasingly dependent on American security guarantees. However, the U.S. strategic pivot to the Asia-Pacific region and China's increasing consolidation as a global power has set the Middle East's security dynamics again into flux. This article employs a regional security complex framework, paired with a realist theoretical lens, to analyze how the growing Sino-American rivalry affects Persian Gulf security by identifying the interests of these two powers in the Middle East and the emerging regional dynamics.

Keywords: balance of interest; geopolitical competition; Persian Gulf security; regional security complex

Resumen

A lo largo de las décadas, la seguridad de Oriente Medio se ha visto influida por las fuertes interdependencias regionales y mundiales en materia de seguridad. Desde la desaparición de la Guerra Fría, los Estados Unidos ha desempeñado un papel fundamental en la determinación de la seguridad de la región, y los Estados del Consejo de Cooperación del Golfo dependen cada vez más de las garantías de seguridad estadounidenses. Sin embargo, el pivote estratégico de los Estados Unidos hacia la región de Asia-Pacífico y la creciente consolidación de China como potencia mundial han hecho que la dinámica de seguridad de Oriente Medio vuelva a cambiar. Este artículo emplea un marco de complejo de seguridad regional, emparejado con una lente teórica realista, para analizar cómo la creciente rivalidad sino-estadounidense afecta a la seguridad del Golfo Pérsico, identificando los intereses de estas dos potencias en Oriente Medio y la dinámica regional emergente.

Palabras clave: competición geopolítica; equilibrio de intereses; seguridad del Golfo Pérsico; complejo regional de seguridad

Introdução

Durante a Guerra Fria, o complexo regional de segurança (CRS) do Oriente Médio foi caracterizado tanto pela rivalidade como pela cooperação fomentada pela competição ideológica e política entre os Estados Unidos (EUA) e a União Soviética. Ao nível regional, os processos de securitização centraram-se em torno da autodeterminação, soberania, padrões de amizade e inimizade, e multipolaridade competitiva. Estes padrões regionais revelaram uma forte interdependência da segurança regional e foram reforçados pelas ações das potências globais (BUZAN; WÆVER, 2003). Na era pós-Guerra Fria, todo o padrão de segurança internacional foi influenciado pelo definhamento da União Soviética e pela hegemonia dos EUA. Durante o período da unipolaridade americana, os EUA tiveram um papel importante na determinação da segurança da região (HINNEBUSCH; EHTESHAMI, 2014). Consequentemente, a distribuição do poder no sub-complexo do Golfo foi transformado, pois os estados do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG) se tornaram mais dependentes da segurança dos EUA. Além disso, após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, o envolvimento dos EUA na região se intensificou, consolidando seu papel como garante militar e político do status quo no Oriente Médio.

Durante a última década, os EUA procuraram se desvincular da região como resultado da renovada competição com a China. Desde 2011, a importância do Oriente Médio para Washington tem sido progressivamente despriorizada à medida que a ênfase geopolítica se desloca para a região da Ásia-Pacífico. Em contraste, os vastos recursos naturais e o crescimento econômico da região têm levado a China, através de sua iniciativa Nova Rota da Seda, ou Iniciativa do Cinturão e Rota (*Belt and Road Initiative* – BRI), a expandir suas parcerias estratégicas com os estados regionais do Oriente Médio. Todavia, conter a China na região Ásia-Pacífico implica restringir seu acesso às bases econômicas do seu poder militar (MEARSHEIMER, 2019). Portanto, Washington procurará minimizar as parcerias da China no Oriente Médio, em particular no Golfo Pérsico. Como resultado da rivalidade sino-americana, haverá também mais

oportunidades para as potências regionais manobrarem politicamente (WALT, 2021). A compreensão da dinâmica regional resultante da nova distribuição global do poder é, portanto, imperativa. Assim, este artigo procura abordar a questão fundamental de como é que a crescente competição geopolítica sino-americana afeta a segurança do Golfo Pérsico.

Para responder a esta pergunta, empregamos um quadro CRS para enquadrar a analisar as condições internas, bem como as interações regionais com as potências globais. Enquanto a teoria do CRS tende a favorecer o nível regional de análise, ela não negligencia o papel de atores externos nas dinâmicas de segurança regional. Como Buzan e Wæver (2003, p. 52) argumentam, "os padrões regionais de rivalidade podem se alinhar com, e ser reforçados por, potências globais." Por conseguinte, o CRS do Oriente Médio pode ser definido como uma área composta por um grupo de estados onde as questões-chave de segurança se sobrepõem na medida em que suas preocupações de segurança nacional não podem ser resolvidas isoladamente. Três sub-complexos regionais se desenvolveram dentro do CRS do Oriente Médio: dois principais compostos pelo Levante e Golfo Pérsico e um menor no Magrebe (BUZAN; WÆVER, 2003). Dentro do Oriente Médio, o Golfo Pérsico emergiu como uma região central devido à importância geopolítica e econômica de seus vastos recursos petrolíferos (SHAYAN, 2017). Portanto, neste estudo, o Golfo Pérsico refere-se a uma área geográfica composta pelos Estados do CCG e não-CCG, que compreende Bahrein, Kuwait, Omã, Qatar, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos (EAU), Iraque e Irã.

O artigo prossegue com uma avaliação da perspectiva global e regional das duas Grandes Potências– i.e., os EUA e a China. Seguidamente, usamos os conceitos de equilíbrio de poder (WALT, 1985) e equilíbrio de interesses (SCHWELLER, 1994) para analisar a dinâmica regional emergente no CRS do Oriente Médio, antes de fornecer algumas notas conclusivas.

Perspectivas Sino-Americanas de Segurança Global e Regional

Ao contrário das expectativas de muitos estudiosos (FUKUYAMA, 1989), o fim da Guerra Fria e a consolidação da ordem liberal internacional liderada pelos EUA não marcaram o fim da política da Grandes Potências e da competição geopolítica. De fato, nos últimos anos temos testemunhado a China e a Rússia perseguindo de forma assertiva seus interesses estratégicos e desafiando a primazia americana. O poder econômico e militar de Pequim cresceu significativamente ao longo das décadas, levando muitos analistas políticos a argumentar que a estrutura do sistema internacional está à beira de uma transformação fundamental (XINBO, 2018). John Mearsheimer (2019) argumenta que o sistema internacional está sendo organizado em duas ordens circunscritas "densas" – uma liderada pelos EUA, e outra liderada pela China – definidas pela competição de segurança e uma ordem internacional "fina" que ajudará a gerenciar o controle de armas e a estabilidade econômica.

A visão de uma competição geopolítica renovada tem sido enfatizada em vários documentos estratégicos dos EUA (O'ROURKE, 2021). Isto implica uma mudança nas prioridades geo-estratégicas de Washington do Oriente Médio para a Ásia-Pacífico e uma ênfase renovada na competição entre as

Grandes Potências. Esta reorientação política foi evidente na Estratégia de Segurança Nacional da administração Trump que identificou a China como uma potência revisionista que "procura deslocar os Estados Unidos na região Indo-Pacífico, expandir o alcance de seu modelo econômico orientado pelo Estado e reordenar a região a seu favor" (NSS, 2017, p. 25). A administração Biden adotou uma perspectiva estratégica semelhante e sua *Interim National Security Strategic Guidance of the United States* rotulou a China como seu principal concorrente, argumentando que ela representa uma ameaça fundamental para "um sistema internacional estável e aberto" (INSSG, 2021, p. 8). Para enfrentar este desafio, a administração destaca a necessidade de "promover uma distribuição favorável do poder para dissuadir e impedir que os adversários ameacem diretamente os EUA e nossos aliados, inibindo o acesso aos bens comuns globais, ou dominando regiões-chave" (INSSG, 2021, p. 9).

A China, por sua vez, tem adotado cada vez mais uma política *Going Global* que procura fortalecer sua influência na África, Europa, América Latina e no Oriente Médio (SHAMBAUGH, 2020). Inicialmente, seus objetivos estratégicos se concentravam em garantir matérias-primas e recursos energéticos para atender suas crescentes necessidades econômicas. Entretanto, desde que Xi Jinping chegou ao poder em 2012, a China tem mostrado uma crescente assertividade e desempenhado um papel ativo no cenário mundial. Nos últimos anos, a China começou a buscar uma mudança sistemática na estrutura da economia global sem se envolver em um confronto direto com os EUA. Por exemplo, em 2013, o Presidente Xi Jinping anunciou o BRI como um programa ambicioso para expandir o alcance e a influência da da China (NAUGHTON, 2020). O livro branco sobre a "Cooperação Internacional da China para o Desenvolvimento na Nova Era" enfatiza o papel do BRI como uma plataforma para a atividade comercial global da China, destacando a cooperação para o desenvolvimento "Sul-Sul" como o foco da política externa da China (PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA, 2020). Segundo Mearsheimer (2019), o BRI e o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB) não apenas impulsionam o crescimento econômico de Pequim, mas visam projetar seu poder militar e político globalmente. Portanto, estas iniciativas são parte central de uma estratégia que visa construir um novo centro de globalização localizado em Pequim (MAYER, 2018).

Em resposta explícita ao BRI, os Estados Unidos dedicaram esforços consideráveis para minar as ambições da China, exortando a comunidade internacional a rejeitar o BRI. Mais recentemente, os líderes do G7 adotaram a iniciativa *Build Back Better World* (B3W), "uma parceria de infraestrutura de alto nível, transparente e orientada por valores," destinada a apoiar países de baixo e médio rendimento na construção de melhor infraestrutura (THE WHITE HOUSE, 2021). Da mesma forma, na recente *Summit for Democracy* organizada pelos EUA, mais de 100 estados se reuniram, incluindo o Iraque e Israel, para enfatizar novamente seu compromisso com a democracia e denunciar a autocracia. Assim, é previsível que os Estados Unidos e seus aliados pressionarão cada vez mais os Estados do Oriente Médio a reduzir ou eliminar sua dependência do BRI da China.

A política dos Estados Unidos para o Oriente Médio desde o período pós-Segunda Guerra Mundial tem se baseado em três pilares principais: 1) garantir um fornecimento seguro e barato de petróleo bruto para

as economias ocidentais, 2) garantir a segurança de Israel, e 3) promover o anticomunismo (BUZAN; WÆVER, 2003). Entretanto, ao longo das décadas, alguns aspectos desta tríade têm perdido sua relevância, designadamente com o final da Guerra Fria. Até o início da década de 2010, a determinação e as capacidades americanas foram os fatores decisivos para manter a sua primazia na região. Entretanto, desde então, o compromisso dos Estados Unidos com a região parece estar diminuindo. Os conflitos com os adversários no Oriente Médio não representam mais uma ameaça vital. Consequentemente, "os EUA estão gradualmente se afastando do Oriente Médio mais devido à falta de vontade do que capacidade material" (YOM, 2020, p. 76). Esta redução no compromisso não implica no abandono total da região. Ao contrário, enquanto a estratégia de *offshore balancing* de Washington limitará o intervencionismo americano, um ataque significativo aos interesses americanos e o colapso ou reorganização da ordem regional obrigará novamente o envolvimento direto dos EUA na região. Esta reorientação da política é discernível na política da administração Biden que se concentra em garantir a segurança de Israel, combatendo a influência das Grandes Potências rivais (i.e., China e Rússia), eliminando as redes terroristas e impedindo a agressão iraniana (INSSG, 2021). À medida que o engajamento americano diminui no Oriente Médio, os poderes regionais, bem como os poderes externos, se esforçarão para preencher o vácuo de poder, seja aumentando sua auto-suficiência ou formando novas e complexas alianças geoestratégicas (COOK, 2021a).

Da mesma forma, os objetivos estratégicos da China no Oriente Médio são múltiplos e inter-relacionados. Ao longo das décadas, o interesse e a dependência econômica da China no Oriente Médio cresceram significativamente e a região adquiriu maior importância geoestratégica (SCOBELL, 2017). Para Pequim, o Oriente Médio tornou-se uma fonte vital de recursos energéticos, um mercado promissor para o comércio e investimento em infra-estrutura e uma fonte de demanda crescente para a venda de armas militares (SALMAN; PIEPER; GEERAERTS, 2015). Além disso, o Oriente Médio é estratégico para o BRI devido à sua posição geográfica na confluência da Ásia, Europa e África. No *Arab Policy Paper*, a abordagem estratégica de Pequim enfatiza a busca do desenvolvimento comum, o benefício mútuo e a manutenção de um nível elevado de cooperação *"win-win"* (ganha-ganha) com os estados do Oriente Médio (CHINESE MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS, 2016). Entretanto, em 2019, a China havia superado os EUA como o maior parceiro comercial da maioria dos países do Oriente Médio (US TRADE REPRESENTATIVE, 2021).

Vários estados do Oriente Médio acolheram os investimentos da China e os vincularam às suas estratégias nacionais. Por exemplo, apesar das preocupações dos EUA, o grupo estatal Shanghai International Port Group foi autorizado a investir e operar o Porto Haifa de Israel por 25 anos. Além disso, as empresas chinesas também estão trabalhando na construção e operação de um terminal privado em Ashdod e de um trem leve em Tel Aviv (KERSTEIN, 2021). No Irã, a China se comprometeu a investir US$400 bilhões nos próximos 25 anos em troca de um fornecimento contínuo de petróleo (FASSIHI; MYERS, 2021). Muitos Estados do CCG também associaram suas reformas e estratégias de crescimento ao

BRI. Por exemplo, a Arábia Saudita incorporou o BRI em seu ambicioso Programa Nacional de Transformação – iniciativa *Visão 2030*. De forma semelhante, funcionários do Kuwaiti declararam que a parceria do BRI com a China ajuda o país a alcançar sua *2035 Vision for Development* (FULTON, 2017). Nos Emirados Árabes Unidos e no Qatar, a presença de bancos chineses tem sido utilizada para facilitar o comércio no RMB chinês através da negociação de acordos de troca de moedas (FULTON, 2020). Mais importante ainda, a China militarizou o Porto Khalifa dos EAU, que é operado pelo conglomerado naval chinês COSCO (LUBOLD; STROBEL, 2021).

Historicamente, o Oriente Médio tem sido um ponto focal da competição geopolítica global. A China tem procurado se distinguir de outras potências, reiterando que não procura interferir nos assuntos internos da região. Em sua abordagem da região, Pequim enfatiza publicamente o princípio da não-interferência e do respeito pela soberania do estados (PAPA, 2021). Nas últimas décadas, a China tem sido capaz de atingir seus objetivos de segurança no Oriente Médio com um esforço mínimo. Entretanto, isso pode não ser o caso nos próximos anos. Até agora, o papel dos Estados Unidos na região abriu o caminho para que a China ampliasse sua influência econômica. No entanto, o crescente descomprometimento dos Estados Unidos com os assuntos regionais provavelmente mudará a equação de segurança no Oriente Médio, deixando uma lacuna. Portanto, é provável que a China se envolva cada vez mais com questões relacionadas com a segurança para sustentar e proteger seus crescentes interesses econômicos.

Implicações da Competição Sino-Americana na Segurança do Golfo Pérsico

As mudanças no equilíbrio de poder global levaram a mudanças dramáticas nas atitudes e políticas do sub-complexo de segurança do Golfo Pérsico. Desde a descolonização, os EUA têm procurado preencher o vazio de poder. Com o declínio da ameaça soviética e o alívio da beligerância entre os estados árabes e israelenses, a política de segurança dos Estados Unidos na região concentrou-se cada vez mais no avanço do processo de paz israelo-árabe, na segurança energética, no combate ao terrorismo internacional e na contenção da proliferação de armas de destruição em massa (ADM). No entanto, a retirada política, militar e econômica dos EUA da região tem sido acompanhada pelo aumento do papel de outras potências globais procurando preencher o vazio. A Rússia tem demonstrado seu compromisso com a segurança dos aliados regionais ao se colocar do lado do regime de Assad contra a comunidade internacional. No entanto, a China é o mais importante novo agente de segurança da região. A orientação de Pequim em direção ao Oriente Médio também ecoa o desejo de vários atores regionais que querem que ela desempenhe um papel mais ativo. No entanto, a dinâmica inerente à emergente competição sino-americana é provável que se desenvolva na região. Enquanto nas próximas décadas o Indo-Pacífico será a região pivô na competição geopolítica entre os EUA e a China, o Oriente Médio possui ativos estratégicos suficientes para manter as duas potências condicionalmente engajadas. Isto, entretanto, coloca novos desafios para os atores regionais que precisarão conciliar os interesses do parceiro de segurança tradicional e de um novo parceiro econômico promissor.

Mapeando o sub-complexo de segurança do Golfo

Várias variáveis podem ter aberto o caminho para os estados regionais buscarem uma estrutura cooperativa. A Declaração da al-Ula que põe fim ao boicote do Qatar (GULF COOPERATION COUNCIL, 2021), as conversações Irã- Arábia Saudita (US INSTITUTE OF PEACE, 2021), a Conferência de Bagdá para Cooperação e Parceria (GOVERNMENT OF IRAQ, 2021), e as conversações do Quarteto Turco-Árabe (ATAMAN, 2021) são exemplos de possível cooperação regional. No entanto, apesar destas tentativas ambiciosas, pode ser difícil alcançar uma estrutura de cooperação em um meio regional onde os interesses dos atores estejam em desacordo. Por exemplo, apesar de suas garantias, Teerã quer uma cooperação que não afete suas ambições nucleares, arsenal balístico e expansões regionais, o que é inconsistente com os interesses dos estados do Golfo, Israel e Turquia. Além disso, os atores regionais podem sinalizar cooperação apenas para satisfazer as demandas internacionais. Por exemplo, o objetivo do Irã em participar das conversações sobre o seu programa nuclear é aliviar as sanções dos EUA, sinalizando a Washington que se tornou um ator responsável. Da mesma forma, a Arábia Saudita percebe que é difícil desafiar a vontade das Grandes Potências quanto à necessidade de Teerã voltar ao acordo nuclear. Portanto, para aliviar as pressões internacionais, as conversações de Riad com Teerã podem ser coerentes com as exigências internacionais e a aprovação dos EUA.

Em termos do equilíbrio regional de poder, a Arábia Saudita, Israel, Turquia e Irã registram os maiores investimentos militares. Além disso, a Turquia e a Arábia Saudita têm uma vantagem econômica, estando entre os G-20, enquanto Israel tem uma vantagem nuclear e uma parceria forte com os EUA. Em contraste, economicamente exausto e socialmente fragmentado, o Irã encontra sua vantagem vital centrada no patrocínio de milícias e na posse de armas nucleares. Outro ponto-chave é que a Turquia e o Irã não querem que a Arábia Saudita monopolize a liderança do mundo islâmico, enquanto este último vê a crescente interferência iraniana no mundo árabe como uma ameaça existencial (SIPALAN; KALIN, 2019). Portanto, a cooperação de segurança no CRS do Oriente Médio é aparentemente intratável. O cenário mais provável é que as potências regionais avaliem cautelosamente suas parcerias com as Grandes Potências a fim de salvaguardar seus interesses de segurança. Consequentemente, as potências regionais – especialmente aquelas frustradas com o status quo – buscarão estratégias pragmáticas de *hedging* para expandir suas parcerias econômicas e de segurança.

De acordo com a teoria do equilíbrio de poder, a formação de alianças a nível regional é a forma mais comum de responder a uma ameaça. Assim, os poderes regionais favoráveis à manutenção do status quo se equilibrarão contra os poderes revisionistas, enquanto que os estados pequenos e fracos provavelmente procurarão uma estratégia de *bandwagoning* (WALT, 1985). Durante as últimas duas décadas, o Irã exibe um poder hegemônico potencial. Ele consolidou sua esfera de influência no Iraque, Líbano, Síria e Iêmen, bem como na Palestina. Portanto, apesar da forte dinâmica imposta pelo dilema de segurança, outras potências re-

gionais (e.g., Israel, Turquia e Arábia Saudita), podem encontrar um objetivo comum no equilíbrio contra a preponderância regional iraniana. Assim, é possível antecipar as opções estratégicas que as potências regionais e os estados pequenos e vulneráveis provavelmente perseguirão ao lidar com os desafios regionais emergentes e a competição geopolítica global.

O Irã: Estado Revisionista de Objetivos Ilimitados

De acordo com a teoria de equilíbrio de interesses, o Irã pode ser considerado um estado revisionista que não está satisfeito com o status quo regional. Portanto, para perseguir seus objetivos, Teerã está disposta a aceitar maiores riscos, já que os estados revisionistas são "desinibidos pelo medo da perda, sendo livres para perseguir uma expansão imprudente" (SCHWELLER, 1994, p. 103-104). Por exemplo, como resultado da política de "máxima pressão" do Presidente Trump, o Irã derrubou um drone norte-americano e atacoun sua base militar no Iraque (DA VINHA; DUTTON, 2022). Ao contrário dos estados favoráveis à manutenção do status quo, o Irã é um estado maximizador de poder disposto a colocar sua sobrevivência em risco, não apenas para manter mas para melhorar sua posição na ordem regional. Assim, o Irã pode ser caracterizado como um estado revisionista sem limites, pois suas ambições expansionistas não podem ser facilmente refreadas e, portanto, constitui uma ameaça existencial aos estados favoráveis ao status quo.

Os desenvolvimentos geopolíticos no CRS do Oriente Médio têm servido aos objetivos do Irã de ampliar sua esfera de influência. Apesar de sua economia estar em deterioração, o Irã tem aproveitado suas capacidades militares e de milícias para derrubar o status quo e expandir sua agenda ideológica. Entre seus concorrentes regionais, o Irã tem a segunda maior força militar (GLOBAL FIRE POWER, 2021) e mantém milícias ativas em muitas capitais regionais. Dada sua estratégia revisionista, Teerã forjou parcerias pragmáticas tanto com a China quanto com a Rússia.

Não obstante, é importante enfatizar o fator econômico no equilíbrio regional de poder (MEARSHEIMER, 2001). O Irã tem a pior situação econômica entre seus concorrentes, devido às sanções internacionais. Como o poder militar requer uma base econômica sólida, o Irã tem tentado contornar esta situação, particularmente tentando tranquilizar a comunidade internacional aderindo ao Plano de Ação Integral Conjunto (JCPOA). Entretanto, como o acordo sofreu obstáculos significativos, o Irã pode ver a parceria sino-iraniana como uma alternativa para superar as sanções internacionais e assim alcançar a segurança econômica (FALLAHI, 2021).

No atual contexto regional, é improvável que o Irã busque alianças regionais. Ao invés disso, tentará desmantelar qualquer aliança de equilíbrio contra ela, aproveitando suas capacidades ofensivas e milícias regionais. Portanto, é provável que a política externa de Teerã busque duas estratégias-chave: dividir e governar e chantagear. Antes de tudo, o Irã percebe que se tornou uma ameaça existencial comum a muitos de seus rivais. Por exemplo, o Irã não tem interesse na recente convergência entre a Arábia Saudita – o poder econômico no Golfo - e Israel - a energia nuclear apoiada pelos EUA no Levante – e procurará travar qualquer aproximação adicional entre

estes dois atores. Além disso, Teerã procurará esgotar Riad em sua guerra com as milícias iemenitas Houthi, apoiadas pelo Irã, e manter suas milícias no Levante concentradas em Israel. O Irã também reforçará a narrativa islamista anti-sionista se a Arábia Saudita normalizar suas relações com Israel. Quanto aos estados pequenos e fracos, a estratégia de chantagem é suficiente para colocá-los à margem, pelo menos se eles resistirem uma estratégia de *bandwagoning*. Notavelmente, esta estratégia tem sido eficaz nos países do CCG, já que os pequenos estados do Golfo não têm intenção de lidar com potenciais ameaças militares iranianas. Portanto, isto pode pressionar pragmaticamente todos os estados do Golfo, exceto Arábia Saudita e Bahrein, a manter um grau variável de relações diplomáticas com Teerã.

Turquia: Estado Revisionista de Objetivos Limitados

De acordo com a teoria de equilíbrio de interesses, a Turquia pode ser caracterizada como uma potência revisionista com objetivos limitados, uma vez que está preparada para incorrer em altos custos para manter o status quo e assumir custos muito mais altos para expandir seus valores. A política externa turca reflete a realidade da insatisfação com o status quo. No entanto, esta tendência é frequentemente restringida pela preocupação de perder ganhos relativos. Portanto, Ancara reiteradamente persegue suas políticas expansionistas de uma maneira oportunista que tende a evitar riscos. Portanto, ela se enquadra na categoria de estados revisionistas de objetivos limitados porque potenciais ameaças aos seus ganhos relativos restringem temporariamente sua perspectiva expansionista (SCHWELLER, 1994). Assim, é provável que tais países se reconciliem temporariamente com os estados favoráveis à manutenção do status quo como uma medida excepcional para perseguir uma ameaça existencial emergente.

De fato, longe de sua declarada *Policy of Zero Problems with Neighbors* (TURKISH MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS, 2021), a Turquia adotou uma política assertiva a nível regional e internacional. Desde a primavera árabe, a administração de Recep Erdogan adotou o islamismo político representado pelo movimento da Irmandade Muçulmana para expandir sua esfera de influência no mundo árabe. No entanto, seu apoio a esses movimentos falhou no Egito, Marrocos, Sudão e Tunísia (AL-HABIB, 2021) e tem contribuído para promover seu isolamento regional. Globalmente, as relações da Turquia com a UE e os EUA deterioraram-se devido a políticas recentes – por exemplo, explorações de gás perto de Chipre, ameaça de empurrar migrantes para a Grécia e compra e desenvolvimento do sistema russo de defesa aérea S-400. Entretanto, as mudanças geopolíticas regionais, bem como os desafios domésticos, levaram a mudanças marcantes na política regional da Turquia. Após a aproximação com os estdos do CCG, continuaram as tentativas turcas para resolver os problemas com o Quarteto Árabe no Catar (ATAMAN, 2021). Essas tentativas podem ser associadas às variáveis internas da Turquia. Por exemplo, há desacordos contínuos sobre as políticas do Partido da Justiça e Desenvolvimento (AKP). Além disso, a lira turca perdeu quase 75% de seu valor em relação ao dólar, com inflação de aproximadamente 20% e desemprego de 14% (COOK, 2021b). Além disso, as eleições presidenciais de 2023 podem estimular tempora-

riamente uma política de não- confrontação com os estados do Golfo para reduzir seu isolamento – pelo menos com seus vizinhos sunitas.

Por conseguinte, apesar da crise nas relações entre a Turquia e a Arábia Saudita (HARVEY; HACAOGLU, 2018), é prematuro esperar qualquer aproximação entre Ancara and Riad, a menos que haja ameaças de segurança existenciais comuns que possam superar disputas e preparar o caminho para a formação de uma aliança pragmática. Quanto à ameaça nuclear iraniana, embora Ancara raramente expresse seus receios publicamente, as pressões da proximidade geográfica e o choque de interesses em vários países vizinhos, como Síria e Azerbaijão, são suficientes para antecipar uma maior sensação de insegurança. Se o Irã abandonar seu programa nuclear, isto pode abrir oportunidades econômicas para Ancara e exacerbar o dilema de segurança para Riad e Jerusalém. Qualquer potencial fortalecimento das relações econômicas com Teerã pode ser um fator decisivo para mudar o equilíbrio de poder na região em favor do Irã, independentemente das contradições geopolíticas na agenda regional dos dois estados. Se o Irã adquirir armas nucleares, é provável que a Turquia procure inicialmente um equilíbrio contra o Irã, aderindo a um acordo anti-iraniano como meio de contenção e, posteriormente, perseguindo suas próprias capacidades de dissuasão nuclear. Em resumo, argumentamos que a Turquia não é mais um estado isolante, como alguns teóricos do complexo de segurança regional sugeriram (BUZAN; WÆVER, 2003), mas sim um importante participante no CRS do Oriente Médio. Apesar de suas tendências revisionistas regionais, Ancara não jogou todas as suas cartas políticas, mas manteve opções em aberto para restaurar as relações com os atores regionais. Assim, levando em consideração os recursos militares e alianças existentes na Turquia (e.g., a OTAN), potências regionais como Israel e Arábia Saudita, podem eventualmente preferir tentar atrair a Turquia para seu bloco de segurança.

Israel: Estado Status Quo

Israel, por sua vez, está satisfeito com o status quo regional e tem sido um de seus principais beneficiários. Assim, tende a suumir altos custos para dissuadir os estados revisionistas regionais e assegurar os ganhos relativos obtidos com a ordem existente. Entre seus rivais, Israel tem uma vantagem singular derivada de sua capacidade nuclear e de sua forte parceria de segurança com os Estados Unidos. Domesticamente, seu interesse nacional vital reside em manter Israel a salvo das facções palestinas armadas e da interferência regional. Regionalmente, procura impedir que qualquer outra potência ganhe capacidades nucleares ou balísticas que possam mergulhar a região em uma corrida armamentista que possa perturbar o atual equilíbrio de poder e comprometer sua atual vantagem militar (AHREN, 2020). Além disso, procura ativamente acabar com seu isolamento regional, o que foi parcialmente alcançado através dos "Acordos de Abraham" e de iniciativas diplomáticas subsequentes (NISSENBAUM, 2021). Portanto, o principal adversário de Israel é o Irã, que acredita que procura desestabilizar sua segurança interna apoiando o Hamas e o Hezbollah. Além disso, as ambições nucleares de Teerã levaram Israel a alocar US$1,5 bilhão para uma possível retaliação contra as instalações de enriquecimento de urânio

do Irã (TIMES OF ISRAEL, 2021). Apesar de qualquer possível repercussão diplomática, particularmente com os EUA, para Israel eliminar a ameaça nuclear ainda seria preferível a ter que coexistir com um Irã com armas nucleares (LIS e KUBOVICH, 2021). Apesar das garantias de Washington a Jerusalém de que o Irã não desenvolverá armas nucleares e que consideraria outras opções se a JCPOA não for reavivada (THE WHITE HOUSE, 2021), estas promessas não aliviam a ansiedade em Tel Aviv.

Dadas estas considerações sobre as ambições do Irã, é provável que Israel possa participar em acordos regionais que procurem equilibrar a ameaça iraniana e manter o status quo. Além disso, nem a Arábia Saudita nem a Turquia ficariam satisfeitos com um Irã armado com armas nucleares. Enquanto o ex-diretor dos serviços secretos Saudita, Turki al-Faisal (2020), dedicou seu 16º diálogo IISS Manama para criticar Israel, o fato é que quando interesses mais pragmáticos estão em jogo, "considerações de segurança prevalecem sobre a preferência ideológica" (WALT, 1985, p. 24). Como resultado, para evitar a hegemonia regional iraniana e refrear suas ambições nucleares, é provável que Israel busque uma coligação de equilíbrio regional contra Teerã.

Arábia Saudita: Estado Status Quo

Como Israel, a Arábia Saudita é uma potência regional favorável à manutenção do status quo regional e se comporta como uma potência defensiva e maximizadora de segurança. Os estados favoráveis à manutenção do status quo consideram as opções militares como um último recurso, e assim tendem a preservar seus interesses nacionais explorando outros recursos à sua disposição. Além disso, sua política externa pode ser melhor caracterizada como uma resposta às ações dos poderes revisionistas (SCHWELLER, 1994).

Ao longo das décadas, a Arábia Saudita tem desempenhado um papel importante no mundo árabe e islâmico, bem como na economia global. Sendo o berço de dois dos lugares mais sagrados do mundo islâmico (Meca e Medina), bem como sua fundação e liderança da Liga Mundial Muçulmana e do Banco Islâmico de Desenvolvimento, fortaleceram seu apelo nesses dois mundos. Globalmente, Riad é membro do G-20, um membro influente da OPEP, e o sexto maior país em termos de despesas militares. Em conjunto, estes fatores foram aproveitados para maximizar a segurança e trazer estabilidade à atual ordem regional apoiada pelos Estados Unidos. Entretanto, há vários desafios que podem limitar estas vantagens. Para começar, há competição com o Irã, e em menor grau com a Turquia, pelo papel de liderança dos mundos árabe e islâmico (SIPALAN; KALIN, 2019). Além disso, as fortes flutuações nas receitas do petróleo criam uma situação econômica desafiadora para Riad, assim como a incerteza sobre o futuro do compromisso de segurança dos Estados Unidos com a região.

Em termos regionais, a proximidade geográfica e a inimizade histórica continuam a ser importantes ao considerar os alinhamentos de segurança. Por exemplo, a Arábia Saudita falhou em combater a expansão iraniana em quatro capitais árabes. Portanto, devido à incapacidade da Arábia Saudita de obter o apoio de uma Grande Potência ou potência regional para ajudar a conter o Irã, a melhor opção disponível seria o equilí-

brio com os estados favoráveis à manutenção do status quo contra Teerã. Portanto, as intenções ofensivas do Irã superam as considerações sobre o poder agregado da Turquia ou de Israel. De fato, como Walt (1985, p. 13) argumenta, "as intenções, não o poder, são o fator crucial" no alinhamento. Portanto, é provável que num futuro próximo testemunharemos uma aproximação pragmática entre a Arábia Saudita a Turquia e um entendimento de segurança tácito entre a Arábia Saudita e Israel para conter o Irã.

Dado o contexto econômico e geopolítico, Riad tem seguido uma estratégia de *hedging* pós- primavera árabe. Economicamente, as receitas petrolíferas de Riad, que constituem a maior parcela de seu PIB, contribuíram para o avanço dos desenvolvimentos em vários setores (GENERAL AUTHORITY FOR STATISTICS, 2021). Entretanto, à medida que as flutuações dos preços do petróleo se aceleram (ENERGY INFORMATION ADMINISTRATION, 2021), a diversificação das fontes de receita tornou-se um objetivo-chave. Portanto, a Arábia Saudita lançou recentemente sua grande iniciativa pós-petróleo, *Visão 2030*, que visa criar uma economia mais sustentável (GOVERNMENT OF SAUDI ARABIA, 2016). Na prática, porém, esta ambiciosa visão requer um contexto regional estável e parcerias econômicas vantajosas. Portanto, o *hedging* econômico com a China também tem sido uma prioridade para a Arábia Saudita. Os sauditas vêem o relacionamento com a China como um meio de garantir um importador de petróleo a longo prazo, um potencial investidor em sua *Visão 2030*, um fornecedor alternativo de equipamento militar e um potencial fornecedor de energia nuclear.

Além disso, a Rússia também contribui para os cálculos de segurança sauditas. Desde 2016, cresceu uma pragmática parceria pragmática entre a Arábia Saudita e a Rússia. Por exemplo, Riad e Moscovo anunciaram o acordo "OPEP+" e recentemente assinaram uma parceria para fortelecer a cooperação militar (BIN-SALMAN, 2021). Esta aproximação com Moscovo revela o interesse de Riad em tentar dissuadir as políticas unilaterais dos EUA na região, assegurar preços favoráveis do petróleo, atrair novos parceiros de segurança e atrair e/ou neutralizar a influência da Rússia sobre questões regionais. Em resumo, argumentamos que a resposta da Arábia Saudita ao declínio da sustentabilidade econômica do petróleo e suas crescentes preocupações com a segurança a obrigou a recorrer aos principais concorrentes de Washington. Entretanto, manter a estratégia de *hedging*, evitando a reação americana, apresentará desafios diplomáticos que Riad precisará aprender a navegar.

Apesar das manobras políticas e econômicas da Arábia Saudita, a parceria estratégica de segurança a longo prazo entre os EUA e a Arábia Saudita permanecerá forte, principalmente devido a seus interesses comuns no Oriente Médio. Durante meio século, seus objetivos comuns de combater o comunismo e gerenciar a segurança energética global promoveram uma estreita cooperação (ALTERMAN, 2017). Os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, assim como a primavera árabe, mancharam o relacionamento. Sob incerteza mútua, o peso de sua parceria não foi diminuído, mas sim amansado para ajudar melhor Washington na busca de seus objetivos estratégicos de segurança regional. Assim, os EUA ainda buscam a cooperação da Arábia Saudita para alcançar suas prioridades na região: 1) conter a assertividade e o programa nuclear do

Irã, 2) encorajar a normalização das relações israelo-sauditas, e 3) incitar a Arábia Saudita a respeitar os direitos humanos. Uma indicação da força do relacionamento é que, após o assassinato do jornalista Jamal Khashoggi, Washington não impôs sanções severas à Arábia Saudita, limitando sua reação à restrição das vendas de armas que foram posteriormente levantadas (DESIDERIO, 2021). Em resumo, embora as preocupações com os direitos humanos devam predominar nas relações futuras, os fundamentos da parceria entre a Arábia Saudita e os Estados Unidos continuarão sólidos apesar das crescentes diferenças políticas e tensões geopolíticas.

Nos estados do CCG liderado pela Arábia Saudita, a ameaça israelense tem sido dessecuritizado em troca de uma crescente securitização da ameaça iraniana. Um estudo recente mostrou que existe um novo discurso emanado dos estados árabes do Golfo focando em uma normalização das relações com Israel (HITMAN; ZWILLING, 2021). Além disso, quando o conselheiro de segurança nacional dos Estados Unidos, Jake Sullivan, levantou recentemente a questão da normalização das relações com Israel, as autoridades sauditas não rejeitaram a noção (WILLIAMS, 2021). Além disso, a normalização do Bahrein com Israel pode refletir um consentimento saudita cauteloso (KALIN; JONES, 2021). Ainda há preocupações de que qualquer normalização saudo-israelense possa ser explorada por atores regionais (tanto estatais quanto não estatais) para mobilizar a comunidade islâmica contra a Arábia Saudita. Entretanto, num futuro próximo, à medida que a presença dos EUA na região diminuir, Riade e Jerusalém poderão eventualmente se ver confrontadas com a necessidade de estabelecer uma aliança de segurança informal, porém pragmática, para manter uma ordem regional favorável a seus interesses vitais.

Estados Pequenos e Vulneráveis: Estados secundários

De acordo com a teoria de equilíbrio de interesses, os estados pequenos e vulneráveis podem ser definidos como aqueles que não têm capacidades defensivas ou ofensivas significativas que lhes permitam maximizar sua segurança. Além disso, estes estados podem evidenciar relações frágeis entre o estado e a sociedade civil por várias razões: a ilegitimidade das elites políticas e instituições nacionais (por exemplo, Iêmen e Síria); conflitos entre grupos étnicos, religiosos e políticos locais (por exemplo, Iraque, Líbano e Iêmen); e o fracasso do multiculturalismo (por exemplo, Iraque e Líbano). Portanto, esses países têm sido frequentemente sujeitos a incursões e transgressões regionais e globais. Como Schweller (1994, p. 101) argumenta, "em um mundo de predadores e presas, estes estados são presas." Além disso, no sub-complexo do Golfo Pérsico, verifica-se que os pequenos estados do Golfo (isto é, Kuwait, Bahrain, Qatar, EAU e Omã) não têm poder material suficiente para defender individualmente seus interesses. Quanto ao Iraque, ainda falta a coesão entre o estado e a sociedade civil. Como resultado, estes países estão mais propensos a adotar uma estratégia de *hedging* para alcançar o máximo de independência possível ou, pelo menos, perseguir uma estratégia de *bandwagoning* para alinhar e apaziguar a fonte das ameaças.

Conclusão

O Oriente Médio tem sido, é e continuará sendo um teatro de intensa competição geopolítica entre potências globais e regionais. Desde a descolonização, os padrões de competição de segurança no CRS do Oriente Médio tornaram-se mais interconectados e regionalizados, ao mesmo tempo em que foram mais alinhados e reforçados pela competição das Grandes Potências. Na era pós-Guerra Fria, houve duas grandes mudanças nos arranjos de segurança do CRS do Oriente Médio. Primeiro, desde a retirada do Egito da cena geopolítica na esteira dos acordos de paz com Israel, o sub-complexo do Levante tornou-se o segundo núcleo do CRS do Oriente Médio, levando a uma maior desregionalização da questão israelo-palestina. Em segundo lugar, desde a década de 1980, o sub-complexo do Golfo Pérsico (i.e., sub-complexo Irã-Arábia Saudita) tornou-se o núcleo dominante do CRS do Oriente Médio, particularmente desde que o Iraque foi retirado da equação do equilíbrio de poder em 2003. Enquanto isso, Washington desempenhou um papel crucial em questões de segurança político-militar para manter uma ordem regional favorável a seus interesses vitais. Portanto, o apoio de Washington a seus parceiros do CCG levou o Irã a maximizar seu poder em detrimento de outros estados do Golfo Pérsico.

Entretanto, apesar de sua longa história de envolvimento externo, o Oriente Médio testemunhou recentemente uma mudança dramática na natureza e substância do envolvimento das potências globais. Desde o período da primavera árabe, a estratégia americana para a região mudou de uma presença militar forte para uma abordagem de *off-shore balancing* porque a região não é mais vista como uma ameaça existencial à sua prosperidade e segurança. Como resultado, o vácuo político e militar emergente tem contribuído para acelerar os padrões de competição regional entre as potências revisionistas regionais e o estados favoráveis à manutenção do status quo. De fato, o Irã fortaleceu sua influência em quatro capitais árabes, a coalizão turco-qatari capitalizou o Islã político para colher os despojos, e o Quarteto Árabe liderado pelos Sauditas lançou contra-revoluções em muitos países da primavera árabe para restaurar o status quo. Enquanto isso, embora a China tenha aderido à ambiguidade estratégica em relação às questões político-militares, tem se engajado cada vez mais em parcerias econômicas com a maioria das potências regionais. Ficou claro que o CRS do Oriente Médio, embora tenha conquistado uma independência parcial após a Guerra Fria, é agora mais independente do que nunca para assumir seus objetivos político-militares.

Embora Moscovo e Pequim estejam sem dúvida empenhando-se para aumentar sua influência nas esferas política e econômica, não se deve esquecer que nenhum dos dois países ainda desempenhou um papel de liderança na formação da ordem regional. Entretanto, a crescente competição geopolítica entre as Grandes Potências sem dúvida afetará as estratégias e políticas de segurança dos atores regionais. Mais precisamente, novos arranjos de segurança regional são previstos com base na premissa de que a formação de alianças pragmáticas de segurança é a melhor maneira de responder às ameaças regionais. Assim, os poderes favoráveis

à manutenção do status quo, como a Arábia Saudita e Israel, bem como o poder revisionista de objetivos limitados, a Turquia, é mais propenso à cooperação de segurança regional a curto e médio prazo. Em contraste, as potências revisionistas sem limites, como o Irã, permanecerão do lado oposto, enquanto os estados pequenos e vulneráveis procurarão evitar a inclinação absoluta para qualquer um dos lados, seja ficando de lado ou através de políticas de apaziguamento. Além disso, argumentamos que os assuntos de segurança do CRS do Oriente Médio se tornaram mais regionalizados sob as atuais condições geopolíticas e econômicas. Destacamos como o sub-complexo do Golfo Pérsico torna-se o núcleo vital da arquitetura de segurança do Oriente Médio, já que inclui dois estados poderosos opostos – i.e., um estado revisionista de objetivos não limitados (Irã) e um estado favorável à manutenção do status quo (Arábia Saudita). Quanto ao sub-complexo do Levante, na ausência de um concorrente, ele se tornou um núcleo secundário dominado por um estado favorável à manutenção do status quo (Israel).

Referências Bibliográficas

AHREN, Raphael. If the Enemy of My Enemy Gets the Bomb: Saudi Nuclear Plan gives Israel Headache. *Times of Israel*, 2020. Disponível em: https://www.timesofisrael.com/if-the-enemy-of-my-enemy-gets-the-bomb-saudi-nuclear-plan-gives-israel-headache/. Acesso em: 2 ago. 2021.

AL-FAISAL, Turki. *New Security Partnerships in the Middle East. 16th IISS Manama Dialogue*, 2020. Disponível em: https://www.iiss.org/-/media/files/manama-dialogue/2020/plenary-transcripts/p6/hrh-prince-turki-al-faisal-al-saud---as-delivered.pdf. Acesso em: 22 jun. 2021

AL-HABIB, Yahya. Like Dominoes. Does the Fall of Political Islam Extend to the Source of Turkey? *Hawar News Agency*, 2021. Disponível em: https://hawarnews.com/en/haber/like-dominoes-does-the-fall-of-political-islam-extend-to-the-source-of-turkey-h26876.html. Acesso em: 7 dez. 2021.

ALTERMAN, Jon. *The Other side of the World: China, the United States, and the Struggle for Middle East Security*. Washington, DC: Center for Strategic and International Studies, 2017.

ATAMAN, Muhittin. How is the Turkey-Gulf Normalization Going? *Daily Sabah*, 2021. Disponível em: https://www.dailysabah.com/opinion/columns/how-is-the-turkey-gulf-normalization-going. Acesso em: 3 jan. 2022.

BIN-SALMAN, Khalid. Agreement on Developing Joint Military Cooperation. *Twitter*, 2021. Disponível em: https://twitter.com/kbsalsaud/status/1429925422490341376. Acesso em: 6 nov. 2021.

BUZAN, Barry; WÆVER, Ole. *Regions and Powers: The Structure of International Security*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003.

CHINESE MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS. *China's Arab Policy Paper*, 2016. Disponível em: https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/zxxx_662805/t1331683.shtml. Acesso em: 24 set. 2021.

COOK, Steven. Major Power Rivalry in the Middle East. *CFR*, 2021a. Disponível em: https://cdn.cfr.org/sites/default/files/report_pdf/dp-cook-no.-2.pdf. Acesso em: 18 nov. 2021.

COOK, Steven. Erdogan Has Never Been in This Much Trouble. *Foreign Policy*, 2021b. Disponível em: https://foreignpolicy.com/2021/11/24/erdogan-has-never-been-in-this-much-trouble/. Acesso em: 22 dez. 2021.

DA VINHA, Luis; DUTTON, Anthony. Embracing the Maverick: The Evolution of President Donald Trump's Management of Foreign Policy-Making. *Central European Journal of International and Security Studies*. v. 16, n. 1, p. 4-35, 2022.

DESIDERIO, Andrew. Senate Backs Biden Admin Weapons Sale to Saudi Arabia. *POLITICO*, 2021. Disponível em: https://www.politico.com/amp/news/2021/12/07/senate-biden-saudi-arabia-523915. Acesso em: 17 jan. 2022.

ENERGY INFORMATION ADMINISTRATION. *Oil and Petroleum Products Explained*. The United States Energy Information Administration, 2021. Disponível em: https://www.eia.gov/energyexplained/oil-and-petroleum-products/prices-and-outlook.php. Acesso em: 29 dez. 2021.

FALLAHI, Ebrahim. Iran-China Strategic Partnership: A Roadmap for Mutual Prosperity. *Tehran Times*, 2021. Disponível em: https://www.tehrantimes.com/news/459437/Iran-China-strategic-partnership-a-roadmap-for-mutual-prosperity. Acesso em: 8 nov. 2021.

FASSIHI, Farnaz; MYERS, Steven. China, with $400 Billion Iran Deal, Could Deepen Influence in Mideast. *The New York Times*, 2021.

FUKUYAMA, Francis. The End of History? *The National Interest*. n. 16, p. 3-18, 1989.

FULTON, Jonathan. *The G.C.C. Countries and China's Belt and Road Initiative (BRI): Curbing Their Enthusiasm*? Middle East Institute, 2017. Disponível em: https://www.mei.edu/publications/gcc-countries-and-chinas-belt-and-road-initiative-bri-curbing-their-enthusiasm. Acesso em: 8 out. 2021.

FULTON, Jonathan. Situating Saudi Arabia in China's Belt and Road Initiative. *Asian Politics & Policy*. v. 12, n. 3, p. 362-83, 2020.

GENERAL AUTHORITY FOR STATISTICS. *Gross Domestic Product First Quarter*. Saudi Arabia's National Accounts Statistics, 2021. Disponível em: https://www.stats.gov.sa/sites/default/files/GDP%20release%20report%20Q1_%202021%20EN.pdf. Acesso em: 24 nov. 2021.

GLOBAL FIRE POWER. *Middle East Military Strength, 2021*. Disponível em: https://www.globalfirepower.com/countries-listing-middle-east.php. Acesso em: 5 dez. 2021.

GOVERNMENT OF IRAQ. *Final Statement of the Baghdad Conference for Cooperation and Partnership*, 2021. Disponível em: https://gds.gov.iq/final-statement-of-the-baghdad-conference-for-cooperation-and-partnership/. Acesso em: 30 sep. 2021.

GOVERNMENT OF SAUDI ARABIA. *Vision-2030*, 2016. Disponível em: https://www.vision2030.gov.sa/media/rc0b5oy1/saudi_vision203.pdf. Acesso em: 22 out. 2021.

GULF COOPERATION COUNCIL. *The Al-Ula Declaration Statement*, *2021*. Disponível em: https://gcc41.org/press-releases/the-al-ula-declaration. Acesso em: 18 sep. 2021.

HARVEY, Benjamin; HACAOGLU, Selcan. Erdogan's Big Gamble: Taking on Mideast Powerbroker Saudi Arabia. *Bloomberg*, 2018. Disponível em: https://www.bloomberg.com/news/articles/2018-10-25/erdogan-s-big-gamble-taking-on-mideast-powerbroker-saudi-arabia#xj4y7vzkg. Acesso em: 28 dez. 2021.

HITMAN, Gadi; ZWILLING, Moti. Normalization with Israel: An Analysis of Social Networks Discourse Within Gulf States. *Ethnopolitics*., p. 1-27, 2021.

HINNEBUSCH, Raymond; EHTESHAMI, Anoushiravan. *The Foreign Policies of Middle East States*. Boulder, CO: Lynne Rienner Publishers, 2014.

INSSG. *Interim National Security Strategic Guidance of the United States, 2021*. Disponível em: https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2021/03/NSC-1v2.pdf. Acesso em: 11 jan. 2022.

KERSTEIN, Benjamin. Outgoing Head of Mossad: Qatari Aid to Gaza "Got a Little Out of Control. *The Algemeiner*, 2021. Disponível em: https://www.algemeiner.com/2021/06/08/outgoing-head-of-mossad-qatari-aid-to-gaza-got-a-little-out-of-control/. Acesso em: 30 nov. 2021.

LIS, Jonathan; KUBOVICH, Yaniv. Netanyahu at Mossad Chief Ceremony: Israel Won't Allow a Nuclear Iran, Even at Cost of Friction With US. *Haaretz*, 2021. Disponível em: https://www.haaretz.com/israel-news/.premium-netanyahu-we-cannot-allow-a-nuclear-armed-iran-even-at-cost-of-friction-with-u-s-1.9864125. Acesso em: 4 jan. 2022.

LUBOLD, Gordon; STROBEL, Warren. Secret Chinese Port Project in Persian Gulf Rattles US Relations With UAE. *The Wall Street Journal*, 2021.

MAYER, Maximilian. China's Rise as Eurasian Power: The Revival of the Silk Road and Its Consequences. In MAYER, Maximilian, (ed.). *Rethinking the Silk Road: China's Belt and Road Initiative and Emerging Eurasian Relations*. Singapore, Springer, 2018.

MEARSHEIMER, John. *The Tragedy of Great Power Politics*. New York: W. W. Norton, 2001.

MEARSHEIMER, John. Bound to Fail: The Rise and Fall of the Liberal International Order. *International Security*. v. 43, n. 4, p. 7-50, 2019.

NISSENBAUM, Dion. Saudi Arabia Moves Toward Eventual Ties with Israel. *The Wall Street Journal*, 2021.

NAUGHTON, Barry. China's Global Economic Interactions. In SHAMBAUGH, David (Ed.). *China and the World*. New York: Oxford University Press, 2020.

NSS. *National Security Strategy of The United States, 2017*. Disponível em: https://trumpwhitehouse.archives.gov/wp-content/uploads/2017/12/NSS-Final-12-18-2017-0905.pdf. Acesso em: 6 out. 2021.

O'ROURKE, Ronald. *Renewed Great Power Competition: Implications for Defense – Issues for Congress*. Washington, DC: Congressional Research Service, 2021.

PAPA, Ilari. *China's Foreign Minister Tours the Middle East: Outcomes and Implications*. The Washington Institute for Near East Policy, 2021. Disponível em: https://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/chinas-foreign-minister-tours-middle-east-outcomes-and-implications. Acesso em: 17 ago. 2021.

PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA. *Energy in China's New Era*. State Council of the People's Republic of China, 2020. Disponível em: http://english.www.gov.cn/archive/whitepaper/202012/21/content_WS5fe0572bc6d0f725769423cb.html. Acesso em: 7 jul. 2021.

SALMAN, Mohammad; PIEPER, Moritz; GEERAERTS, Gustaaf. Hedging in the Middle East and China-US Competition. *Asian Politics & Policy*. v. 7, n. 4, p. 575-596, 2015.

SCHWELLER, Ronald. Bandwagoning for Profit: Bringing the Revisionist State Back In. *International Security*. v. 19, n. 1, p. 72-107, 1994.

SCOBELL, Andrew. Why the Middle East Matters to China. In EHTESHAMI, Anoushiravan; HORESH, Niv (Eds.). *China's Presence in the Middle East: The Implications of the One Belt, One Road Initiative*. New York: Routledge,), 2017, p. 9-23.

SHAMBAUGH, David. China's Long March to Global Power. In SHAMBAUGH, David (Ed.). *China and the World*. New York: Oxford University Press, 2020.

SHAYAN, Fatemeh. *Security in the Persian Gulf Region*. London: Palgrave Macmillan, 2017.

SIPALAN, Joseph; KALIN, Stephen. Saudi Arabia, Pakistan Snub Malaysia's Muslim Summit. *Reuters*, 2019. Disponível em: https://www.reuters.com/article/us-malaysia-muslimalliance-idUSKBN1YM0G3. Acesso em: 13 ago. 2021.

THE WHITE HOUSE. *Fact Sheet: President Biden and G7 Leaders Launch Build Back Better World (B3W) Partnership*, 2021. Disponível em: https://www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2021/06/12/fact-sheet-president-biden-and-g7-leaders-launch-build-back-better-world-b3w-partnership/. Acesso em: 22 nov. 2021

TIMES OF ISRAEL. Israel Said to Approve $1.5 Billion Budget for Potential Strike on Iran. *Times of Israel*, 2021. Disponível em: https://www.timesofisrael.com/israel-said-to-approve-1-5-billion-budget-for-potential-strike-on-iran/. Acesso em: 16 dez. 2021.

TURKISH MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS. *Policy of Zero Problems with our Neighbors*, 2021. Disponível em: https://www.mfa.gov.tr/policy-of-zero-problems-with-our-neighbors.en.mfa. Acesso em: 28 nov. 2021.

US INSTITUTE OF PEACE. *Iran-Saudi Talks*, 2021. Disponível em: https://iranprimer.usip.org/blog/2021/may/04/secret-iran-saudi-talks. Acesso em: 7 nov. 2021.

US TRADE REPRESENTATIVE. *Middle East/North Africa (MENA)*, 2021. Disponível em: https://ustr.gov/countries-regions/europe-middle-east/middle-east/north-africa. Acesso em: 8 jan. 2022.

WALT, Stephen. Alliance Formation and the Balance of World Power. *International Security*. v. 9, n. 4, p. 3-43, 1985.

WALT, Stephen. China Wants a "Rules-Based International Order," Too. *Foreign Policy*, 2021. Disponível em: https://foreignpolicy.com/2021/03/31/china-wants-a-rules-based-international-order-too/. Acesso em: 21 ago. 2021.

WILLIAMS, Jordan. Sullivan Raised Normalizing Relations with Israel During Meeting with Saudi Crown Prince. *The Hill*, 2021. Disponível em: https://thehill.com/policy/international/middle-east-north-africa/577584-sullivan-raised-normalized-relations-with. Acesso em: 4 dez. 2021.

XINBO, Wu. China in Search of a Liberal Partnership International Order. *International Affairs*, v. 94, n. 5, p. 995-1018, 2018.

YOM, Sean. US Foreign Policy in the Middle East: The Logic of Hegemonic Retreat. *Global Policy*. v. 11, n. 1, p. 75-83, 2020.